



Organización Internacional del Café
Organizaçào Internacional do Café
Organisation Internationale du Café

ICC 87-4

24 setembro 2002
Original: espanhol

P

Declaração

Conselho Internacional do Café
Octogésima sétima sessão
24 - 27 setembro 2002
Londres, Inglaterra

**Declaração do Doutor Néstor Osorio,
Diretor-Executivo da OIC,
no Conselho Internacional do Café –
Londres, 24 de setembro de 2002**

Muito obrigado, Senhora Presidenta, e boa tarde a todos os delegados presentes nesta reunião do Conselho.

Como disse Vossa Excelência, Senhora Presidenta, voltamos a nos reunir em condições e circunstâncias que continuam demasiado penosas e críticas para o setor cafeeiro dos países produtores. Existe uma situação de preços que golpeia de forma incisiva os cafeicultores da África, Ásia e América Latina. Na condição de Diretor-Executivo, e como assinei a este Conselho em minhas propostas e iniciativas de maio, tenho procurado difundir e criar consciência sobre a natureza desta crise, suas implicações e a necessidade vital de que a cooperação internacional – e esta Organização como veículo primordial dessa cooperação em questões cafeeiras – orientem suas atividades, decisões e esforços para a busca de fórmulas e soluções que verdadeiramente conduzam à criação de melhores condições de remuneração e de vida para o produtor de café. Tudo isso em termos equitativos para os consumidores, e garantindo o abastecimento desta matéria-prima que nutre a indústria e chega ao consumidor final.

É por isso, senhores delegados, que, desde que assumi minhas funções, venho desenvolvendo uma intensa atividade internacional, com vistas em primeiro lugar a conscientizar os responsáveis pelas decisões políticas que têm a ver com a cooperação e a assistência internacional e os organismos internacionais cuja tarefa é canalizar recursos, na tentativa de resolver os problemas em que se vêm presos os países em desenvolvimento altamente dependentes de produtos básicos como o café. Em todas estas ocasiões, seja nas capitais onde estão as sedes destes centros importantes de decisão – Washington, Bruxelas, Genebra –, como em outros foros de caráter regional de que tenho participado, venho enfatizando a importância e a necessidade de conduzir um programa coerente e coordenado, para buscar fontes e vias de solução para esta crise. Em importantes centros de decisão já se pode perceber um reconhecimento mais generalizado da gravidade e das repercussões sociais e

econômicas da crise dos preços do café. O tema já é motivo de análise e interesse em outras organizações e agências internacionais. Em todas as minhas visitas, encontrei a maior receptividade. O Banco Mundial e as agências de desenvolvimento dos Estados Unidos e da Comunidade Econômica Européia e de alguns Governos me comunicaram sua disposição e vontade de cooperar. Creio que se criou *momentum* e que há condições para concretizar a cooperação.

A tarefa que nos cabe agora é a de formular projetos e propostas específicas, que tenham um caráter múltiplo em termos de ajuda ao produtor e benefício para o consumidor. Tornou-se evidente para a indústria e o comércio cafeeiro que, ao desequilíbrio entre a oferta e a demanda e a subsequente deterioração de preços ao produtor, seguiu-se um desequilíbrio na distribuição das receitas. Não por haver uma atitude desonesta, não por haver uma ação deliberada da indústria para que isso ocorra, mas porque as condições anárquicas do mercado na última década propiciaram esse desequilíbrio. O mundo agrícola é um mundo rodeado de proteções, e o café é um dos poucos produtos que não goza delas. Não se trata, nem eu propus isto, de regressar aos velhos esquemas, mas sim da necessidade de encontrar e organizar programas e ações que compreendam diferentes áreas de apoio e defesa, com vistas a obter a justa valorização do café e o acesso do produtor a lucros que até o momento lhe têm escapado.

Nos últimos tempos esta situação tem sido analisada, estudada e, num caso concreto, denunciada por organismos independentes. A este respeito já apresentei relatórios separados aos Grupos de Produtores e Consumidores da OIC. Refiro-me especificamente à organização não-governamental *Oxfam*, que acaba de concluir um estudo no qual, por mais de um ano, esteve empenhada em diferentes partes do mundo. Nem a OIC nem eu como Diretor-Executivo compartilhamos algumas de suas observações, conclusões ou recomendações, nem podemos nos associar com a singularização ou acusação a um setor da indústria – mas estamos acordes com respeito à existência e presença de uma crise e seus impactos e à necessidade de buscar soluções. Foi por isso que tomei a decisão de acolher a iniciativa e o estudo da *Oxfam*, e assumo a responsabilidade que isso implica, por considerar que se trata de uma contribuição significativa à causa cafeeira e à conscientização, em nível internacional, de uma problemática que exige atenção imediata. Também não hesitei em tomar a iniciativa de enviar uma mensagem muito concreta sobre a natureza desta crise à Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável recentemente celebrada em Johannesburgo. O documento, distribuído e analisado em grupos de trabalho sobre os problemas dos países em desenvolvimento que dependem dos produtos básicos, constituiu a única apresentação que se fez sobre um produto básico específico. Por isso, ele serviu de exemplo para a análise de soluções e atividades que poderiam ser desenvolvidas para conseguir maior atenção e melhores condições de vida para os milhões de pessoas que dependem de um produto básico. Pelos meios ao meu alcance, procurei informar e difundir perante a comunidade internacional

a natureza dos problemas que afetam o mundo cafeeiro e, ao mesmo tempo solicitei apoio na procura de soluções e assistência aos projetos e programas que a OIC pode desenvolver como centro focal da cooperação cafeeira internacional.

Creio haver encontrado eco favorável para minha mensagem e uma ampla disposição de colaborar. Agora cabe a esta Organização e a seus países Membros continuarem a se esforçar concretamente para identificar projetos e captar recursos para ajudar os países. A este respeito, já há propostas, tanto na área do incremento da qualidade, como nas áreas da promoção e diversificação. Estas, Senhora Presidenta, são minhas observações de caráter geral sobre a situação cafeeira e seu ambiente político. Mais adiante, quando analisarmos a situação do mercado, farei referência aos fatos que mais se destacaram na evolução do mercado, tanto em agosto de 2002, como consignei em minha carta mensal aos Membros, onde se examina a evolução das diferentes variáveis e fatores fundamentais, quanto na análise geral do ano cafeeiro de 2001/02.

No tocante a temas específicos a serem discutidos pelo Conselho, permita-me, Senhora Presidenta, destacar os seguintes: Tendo em conta a importância da ampliação do quadro de Membros da OIC, apresentei um projeto de Resolução para convidar os Estados Unidos a regressarem à Organização Internacional do Café. Também é da maior relevância canalizar tarefas de promoção para a criação de um sistema ou esquema de trabalho que permita a elaboração de projetos e a captação de recursos para realizá-los. Da mesma forma, é necessário pôr em funcionamento com a maior decisão e responsabilidade a Resolução número 407, que compromete aos países exportadores a porem em prática um mecanismo que, sem dúvida, representa um passo significativo para a racionalização da produção. Se queremos incrementar o consumo de café, se queremos conseguir mais consumidores, não é possível continuarmos oferecendo cafés de qualidades tão inferiores que, por estarem disponíveis no mercado, acabam sendo absorvidos pelo comércio e passados ao consumidor. É preciso corrigir este fenômeno, pois sua correção contribuirá para garantir melhores receitas aos cafeeiros e a sustentabilidade da indústria nos países importadores. Com a deterioração deste produto, do qual a indústria se nutre, a capacidade de difundir a bebida ao público também se deteriorará. Estou consciente de que pode haver certas dificuldades para pôr a Resolução em prática, mas desejo fazer um apelo aos países que tenham problemas, para que, em vez de pensar em eximir-se do cumprimento da Resolução, nos indiquem quais são as limitações e de que forma podemos ajudar e pleitear apoios externos para a solução de problemas de infra-estrutura, problemas de seleção de café, de umidade – enfim tudo aquilo que esteja compreendido entre os padrões que a Resolução estabelece. É claro que o Conselho adotou o programa de melhoria da qualidade sabendo que se trata de um plano de longo prazo, e que este é um primeiro passo. Convido os Senhores a, com espírito de solidariedade, procedermos à aplicação da Resolução, entendendo que pode haver problemas, e que faremos todo o possível para resolvê-los. Num relatório que apresentarei posteriormente sobre o resultado dos trabalhos do Comitê de Qualidade, poderei mostrar-lhes

como, nos países importadores, há disposição para colaborar, através de informações periódicas sobre o avanço do programa em função das observações desses países sobre a qualidade de cafés importados.

Senhora Presidenta, agradeço-lhe muito ter-me permitido fazer estes comentários perante o Conselho e espero que, sob sua orientação acertada, os trabalhos se desenvolvam com o espírito de cooperação que deve governar nossas discussões.

Muito obrigado.